

Entrevista com Maria Belén Effio, coordenadora da MicroRate

Qual a situação do setor microfinanceiro do Brasil?

As microfinanças no Brasil têm um potencial imenso. Temos visto a capacidade de consolidação das equipes, que são muito importantes para que as microfinanças possam se desenvolver. Também existe um compromisso social por parte dos dirigentes e dos conselheiros.

Mas também tem desafios importantes como, por exemplo, o aprofundamento do mercado, o que significa buscar nichos ainda não atendidos. E também um estudo maior para saber o quê o microempreendedor do Brasil precisa, pois isso é importante para o desenvolvimento das instituições. Também é fundamental para o setor avançar um marco regulatório especializado em microfinanças.

Como as entidades estão sendo geridas?

Felizmente, tem algumas instituições que se saíram bem no rating, com melhorias nos qualificadores de gestão. Temos muito bons exemplos aqui no Brasil.

Mas também existem instituições com pontos fracos como, por exemplo, na governança corporativa, na fraca gestão dos ativos, que é a carteira dos riscos, e também entidades que não tem crescido apesar de estarem há 10, 15 anos no mercado. Isso é preocupante.

Existe espaço para o crescimento do setor?

Sim. As instituições ligadas à Abcred têm de explorar mais. Quando vim ao Brasil fazer o primeiro rating, em 2009, foi interessante ver que a instituição que viemos qualificar ficava na principal cidade, mas não nos arredores, onde vimos muita gente pobre. Quando perguntamos para eles o que estava acontecendo com as pessoas ao redor, eles não sabiam.

É interessante ver que hoje eles cresceram nos lugares onde tem a demanda por microcrédito.

O que uma instituição deve ter para ser uma instituição sólida?

Ter uma governança corporativa forte, que significa ter um conselho muito profissional, que dê apoio estratégico, tem de ter uma boa qualidade da carteira, ter uma equipe consolidada de pessoas, e tem de ter objetivos claros para onde vai se desenvolver.